CARTOGRAFIA TÁTIL, MUSEUS E ACESSIBILIDADE: EXPERIÊNCIAS E DESAFIOS PARA A INCLUSÃO DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA VISUAL

Mariane CATELLI
Universidade Estadual Paulista – "Júlio de Mesquita Filho"
Eixo temático: Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva
m.catelli@unesp.br

Palavras-chave: Inclusão social. Cartografia tátil. Museus.

Resumo

O presente artigo revisita e analisa os resultados de uma pesquisa de mestrado sobre as contribuições da Cartografia Tátil para a promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência visual em espaços museológicos, tomando como objeto de estudo o Museu Histórico Municipal Luiz Saffi. A pesquisa parte da compreensão de que muitos espaços culturais ainda permanecem organizados sob uma lógica predominantemente visual, dificultando a participação plena de pessoas com deficiência visual. O objetivo consiste em analisar o potencial da Cartografia Tátil como instrumento de acessibilidade comunicacional, mediação cultural e democratização do acesso ao patrimônio. A pesquisa possui abordagem qualitativa e fundamenta-se na sistematização dos dados produzidos na investigação original, complementada pela atualização do referencial teórico e normativo e por uma visita técnica observacional realizada em 2026. Os procedimentos metodológicos envolveram pesquisa bibliográfica, pesquisa documental, observação participante, entrevistas semiestruturadas e elaboração de materiais cartográficos táteis aplicados em atividades desenvolvidas no museu. Os resultados demonstraram que os recursos produzidos favoreceram a orientação espacial, ampliaram a autonomia dos participantes e qualificaram sua experiência de visitação. A atualização da pesquisa evidenciou, contudo, que as barreiras identificadas durante a investigação original permanecem presentes, revelando o distanciamento entre a produção do conhecimento científico e sua efetiva incorporação às práticas institucionais. Conclui-se que a Cartografia Tátil ultrapassa sua dimensão técnica, constituindo uma linguagem geográfica que articula acessibilidade comunicacional, mediação cultural e justiça espacial, contribuindo para a democratização do patrimônio cultural e para a construção de espaços mais inclusivos.

Palavras-chave: Inclusão social. Cartografia tátil. Museus.

1. Introdução

As discussões sobre acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência nos espaços culturais têm adquirido crescente relevância nas últimas décadas, impulsionadas pelo fortalecimento das políticas públicas de inclusão, pelos avanços no campo da Educação Especial e pela ampliação do debate acerca do direito à cidade, à cultura e à participação social.

Nos últimos anos, esse debate também passou a incorporar perspectivas relacionadas ao modelo biopsicossocial da deficiência, que compreende a deficiência como resultado da interação entre impedimentos de longo prazo e as barreiras existentes no ambiente físico, comunicacional, tecnológico e atitudinal, deslocando o foco das limitações individuais para as condições sociais que restringem a participação plena das pessoas com deficiência (OMS, 2001; Brasil, 2015).

Apesar dos avanços legislativos observados nas últimas décadas, especialmente após a promulgação da Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015) e da atualização da Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva por meio do Decreto nº 12.686/2025, inúmeros espaços culturais brasileiros ainda permanecem organizados segundo uma lógica predominantemente visual, impondo barreiras arquitetônicas, comunicacionais, informacionais e atitudinais que dificultam o acesso, a permanência e a participação autônoma de pessoas com deficiência visual.

Esse cenário evidencia que a consolidação de uma sociedade inclusiva depende não apenas da existência de dispositivos legais, mas também da implementação efetiva de políticas públicas capazes de transformar os diferentes espaços de convivência social. Entre esses espaços, os museus ocupam posição estratégica por constituírem ambientes de preservação da memória, produção de conhecimento, educação não formal e valorização do patrimônio cultural.

Entretanto, historicamente estruturados para a contemplação visual e para a preservação dos acervos mediante a restrição do toque, muitos equipamentos museológicos ainda apresentam limitações significativas em relação à acessibilidade comunicacional e sensorial.

Nos últimos anos, organismos internacionais e instituições museológicas têm reforçado a necessidade de adoção de princípios de Desenho Universal, Tecnologia Assistiva e mediação multissensorial como estratégias para democratizar o acesso aos bens culturais e ampliar a participação de públicos historicamente excluídos (ICOM, 2022; UNESCO, 2023).

Nesse contexto, a Cartografia Tátil configura-se como importante instrumento de acessibilidade comunicacional, possibilitando a transposição de informações predominantemente visuais para representações perceptíveis ao tato. Mais do que favorecer processos de orientação espacial, esses recursos ampliam as possibilidades de autonomia, apropriação dos lugares, construção de vínculos afetivos e participação cultural das pessoas com deficiência visual, contribuindo para a efetivação do direito à cultura e ao patrimônio.

O presente artigo revisita criticamente os resultados da pesquisa de mestrado desenvolvida pela autora no Museu Histórico Municipal Luiz Saffi, localizado no município de Barra Bonita (SP). A partir dos dados produzidos na investigação original, realiza-se uma atualização das análises à luz dos avanços recentes no campo da Educação Inclusiva, da acessibilidade cultural, das políticas públicas e das discussões contemporâneas sobre Cartografia Tátil, incorporando ainda observações realizadas durante visita técnica ao museu em 2026.

Para além da socialização dos resultados obtidos durante a pesquisa, este trabalho propõe uma atualização crítica das reflexões originalmente produzidas, articulando-as aos avanços recentes no campo da Educação Inclusiva, da acessibilidade cultural, das políticas públicas e das tecnologias assistivas, bem como às permanências observadas no contexto investigado.

2. Fundamentação teórica

As transformações ocorridas nas últimas décadas acerca da compreensão da deficiência deslocaram o foco das limitações individuais para as barreiras produzidas pela sociedade, consolidando o paradigma biopsicossocial e fortalecendo a perspectiva dos direitos humanos.

No Brasil, essa mudança foi incorporada pela Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Lei nº 13.146/2015), que reconhece a acessibilidade como condição indispensável ao exercício da cidadania e amplia sua compreensão para além das adaptações arquitetônicas, incluindo dimensões comunicacionais, tecnológicas, metodológicas e atitudinais (Brasil, 2015).

Essa compreensão dialoga com os princípios do Desenho Universal, que propõe a concepção de ambientes, produtos e serviços capazes de atender à diversidade humana desde sua origem, reduzindo a necessidade de adaptações posteriores (Mace, 1998). Assim, a acessibilidade deixa de ser entendida como intervenção pontual para constituir um princípio orientador das políticas públicas e da produção dos espaços, reafirmando o direito de todas as pessoas de participar plenamente da vida social, cultural e educativa.

No campo da cultura, essa discussão assume especial relevância nos museus. Tradicionalmente organizados segundo uma lógica predominantemente visual, esses espaços historicamente restringiram a participação de pessoas com deficiência visual em razão da ausência de recursos táteis, de mediação acessível e de estratégias comunicacionais inclusivas.

Essa mudança foi reforçada pela nova definição de museu aprovada pelo Conselho Internacional de Museus (ICOM), em 2022, segundo a qual essas instituições devem ser

acessíveis, inclusivas e comprometidas com a democratização do patrimônio cultural. Em consonância com esse entendimento, políticas públicas brasileiras, como as desenvolvidas pelo Instituto Brasileiro de Museus (Ibram), passaram a incentivar a incorporação de estratégias de acessibilidade física, comunicacional e informacional.

Contudo, pesquisas recentes evidenciam que a consolidação da acessibilidade nos espaços culturais ainda ocorre de forma desigual, permanecendo um distanciamento entre os avanços normativos e sua efetiva implementação nas práticas institucionais e na gestão dos equipamentos culturais (Sarraf, 2018). Para a autora:

> Nesse sentido, promover a acessibilidade nos espaços culturais para pessoas com deficiência e novos públicos e propiciar a eles o protagonismo é trabalhar pela garantia do direito de participação de todo ser-humano na vida cultural da comunidade.
> As adequações promovidas pelo conceito de acessibilidade não são necessidades exclusivas das pessoas com deficiência física, visual, auditiva, múltipla e intelectual; pelo contrário, a maioria dos resultados das adequações acessíveis nas diversas esferas dos ambientes, produtos e serviços traz benefícios para toda a comunidade. (SARRAF, 2018, p. 24)

Nesse contexto, destaca-se o conceito de acessibilidade comunicacional, entendido como o conjunto de estratégias que possibilitam o acesso à informação e à produção do conhecimento por diferentes públicos, respeitando suas especificidades sensoriais, cognitivas e linguísticas (Sassaki, 2006).

Nos museus, isso implica desenvolver exposições fundamentadas em recursos multissensoriais, audiodescrição, modelos tridimensionais, materiais táteis e diferentes formas de mediação, ampliando as possibilidades de interação com o patrimônio cultural e favorecendo experiências educativas mais inclusivas (ICOM, 2022).

É nesse cenário que a Cartografia Tátil assume especial relevância. Enquanto linguagem da Geografia, a Cartografia permite representar e comunicar informações sobre o espaço; entretanto, sua forma convencional de representação, baseada predominantemente em elementos visuais, historicamente limitou o acesso das pessoas com deficiência visual às informações espaciais.

A Cartografia Tátil surge justamente como resposta a essa limitação, constituindo um campo interdisciplinar voltado à elaboração de mapas, plantas, maquetes e demais representações espaciais adaptadas à leitura pelo tato.

> A Cartografia Tátil, ramo da Cartografia que se ocupa da concepção, elaboração e uso dos mapas táteis, pode ser definida como a ciência, a arte e a técnica de transpor uma informação visual de tal maneira que o resultado seja um documento que possa ser utilizado por pessoas com deficiência visual. (CARMO, 2010, p. 32)

Mais do que adaptar mapas convencionais, a Cartografia Tátil desenvolve uma linguagem própria, baseada nas especificidades da percepção háptica, exigindo critérios de simplificação cartográfica, diferenciação de texturas, hierarquia das informações e organização espacial adequadas à leitura tátil (Sena; Carmo, 2018).

Os avanços tecnológicos observados nas últimas décadas, como impressão tridimensional, modelagem digital e fabricação digital, ampliaram significativamente as possibilidades de produção desses materiais, fortalecendo sua utilização em contextos educativos, turísticos e museológicos (Pissaloux; Velázquez, 2022).

No entanto, reduzir a Cartografia Tátil à condição de tecnologia assistiva significaria limitar seu potencial científico e social. Enquanto linguagem geográfica, ela constitui importante instrumento de mediação espacial, permitindo que pessoas com deficiência visual construam referências territoriais, desenvolvam autonomia e estabeleçam relações de pertencimento com os lugares.

Desse modo, compreender a Cartografia Tátil como estratégia de acessibilidade comunicacional significa reconhecer que sua contribuição ultrapassa a dimensão técnica da adaptação cartográfica. Ao possibilitar novas formas de interação entre sujeitos, patrimônio e espaço, ela favorece a democratização dos museus, amplia o acesso à cultura e fortalece o direito à cidade.

3. Procedimentos metodológicos

O estudo foi desenvolvido no Museu Histórico Municipal Luiz Saffi, localizado no município de Barra Bonita (SP), com o objetivo de analisar as contribuições da Cartografia Tátil para a promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência visual em espaços museológicos.

Os dados empíricos apresentados neste artigo correspondem à pesquisa de mestrado originalmente desenvolvida pela autora. Este manuscrito não se limita à divulgação dos resultados da investigação original, mas constitui uma releitura crítica desses dados à luz da produção científica e das atualizações normativas mais recentes sobre acessibilidade cultural, Cartografia Tátil e Educação Inclusiva.

Para tanto, além da atualização do referencial teórico, foi realizada uma visita técnica ao Museu Histórico Municipal Luiz Saffi, em 2026, com caráter exclusivamente observacional, destinada a verificar as condições atuais de acessibilidade do espaço e subsidiar uma análise comparativa entre a realidade observada durante a pesquisa original e o contexto contemporâneo.

Durante o desenvolvimento do mestrado, a investigação foi desenvolvida por meio da articulação entre pesquisa bibliográfica, pesquisa documental e pesquisa de campo. A etapa de campo compreendeu três visitas técnicas ao Museu Histórico Municipal Luiz Saffi.

A primeira teve caráter exploratório e diagnóstico, permitindo reconhecer a organização do espaço museológico, as características do acervo e as condições de acessibilidade existentes. Nessa fase foram identificadas as principais barreiras arquitetônicas, comunicacionais e informacionais que poderiam comprometer a autonomia de visitantes com deficiência visual.

A segunda visita consistiu na realização de atividades com uma pessoa com deficiência visual, possibilitando observar aspectos relacionados à orientação espacial, à circulação pelo espaço expositivo, ao acesso às informações disponibilizadas pelo museu e às dificuldades encontradas durante a experiência de visitação. As observações realizadas subsidiaram a elaboração dos materiais cartográficos táteis produzidos para a pesquisa.

Com base nas informações obtidas durante as etapas anteriores, foram desenvolvidas plantas táteis e representações em relevo do espaço museológico, elaboradas de acordo com os princípios da Cartografia Tátil, considerando critérios de simplificação cartográfica, diferenciação de texturas, proporcionalidade, orientação espacial e legibilidade tátil. Esses materiais foram aplicados durante uma terceira visita ao museu, possibilitando avaliar seu potencial como recurso de acessibilidade comunicacional e de mediação cultural.

Participaram da pesquisa sete pessoas: duas pessoas com deficiência visual adultas, com faixa etária entre 20 e 25 anos, três estudantes do Ensino Médio de 18 anos, a coordenadora do Museu Histórico Municipal Luiz Saffi e um professor das áreas de História e Geografia. A seleção dos participantes ocorreu por conveniência, considerando sua disponibilidade para participar das atividades propostas e sua relação com o espaço investigado.

As pessoas com deficiência visual participaram das atividades de reconhecimento do espaço museológico e da avaliação dos materiais cartográficos produzidos, contribuindo para a identificação das barreiras existentes e para a análise da eficácia dos recursos desenvolvidos.

Os estudantes participaram das atividades de mediação e avaliação dos materiais, enquanto a coordenadora do museu e o professor colaboraram na contextualização histórica da instituição, no acompanhamento das atividades e na reflexão acerca das possibilidades de incorporação dos recursos táteis às práticas educativas desenvolvidas pelo museu.

A produção dos dados fundamentou-se na observação participante, em entrevistas semiestruturadas e em registros de campo realizados durante as atividades desenvolvidas no museu. A observação participante possibilitou acompanhar os processos de deslocamento, orientação espacial e interação dos participantes com o ambiente e com os materiais cartográficos elaborados.

As entrevistas permitiram compreender as percepções dos participantes acerca das condições de acessibilidade do museu e das contribuições da Cartografia Tátil para a autonomia, a compreensão espacial e a experiência de visitação.

A análise dos dados ocorreu por meio de abordagem interpretativa, buscando estabelecer relações entre as evidências empíricas produzidas e os referenciais teóricos adotados, de modo a compreender as potencialidades e os limites da Cartografia Tátil como estratégia de acessibilidade comunicacional em espaços museológicos.

No que se refere aos aspectos éticos, a pesquisa foi realizada anteriormente à publicação da Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016, do Conselho Nacional de Saúde, que passou a regulamentar especificamente as pesquisas em Ciências Humanas e Sociais. Ainda assim, a pesquisa observou os princípios éticos aplicáveis e todos os participantes foram previamente informados sobre os objetivos do estudo, os procedimentos metodológicos, a natureza voluntária da participação, a garantia de confidencialidade das informações e a possibilidade de desistência a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Após esses esclarecimentos, manifestaram sua concordância por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

A realização da pesquisa contou com a anuência da coordenação do Museu Histórico Municipal Luiz Saffi para o desenvolvimento das atividades de campo e para a utilização das informações institucionais para fins exclusivamente acadêmicos. Em todas as etapas do estudo foram respeitados os princípios da autonomia, da dignidade, da confidencialidade e da não maleficência, preservando-se a identidade dos participantes.

Por fim, a investigação foi conduzida em consonância com o princípio "Nada sobre nós sem nós", reconhecendo as pessoas com deficiência visual como participantes ativos da construção do conhecimento. Sua participação foi fundamental tanto para a identificação das barreiras existentes no espaço museológico quanto para a avaliação e validação dos materiais cartográficos táteis produzidos, reafirmando a importância da participação efetiva das pessoas com deficiência na formulação de estratégias de acessibilidade e inclusão.

4. Discussão

Os resultados obtidos evidenciam que a Cartografia Tátil ultrapassa sua função de recurso técnico destinado à adaptação de representações cartográficas, constituindo-se como uma estratégia de acessibilidade comunicacional capaz de ampliar a autonomia, favorecer processos de mediação cultural e democratizar o acesso ao patrimônio.

Nessa perspectiva, a análise dos dados demonstra que a inclusão em espaços museológicos depende não apenas da oferta de recursos acessíveis, mas também da transformação das formas pelas quais o conhecimento espacial é produzido, compartilhado e apropriado pelos diferentes sujeitos.

Durante as atividades desenvolvidas no Museu Histórico Municipal Luiz Saffi, verificou-se que a utilização das plantas táteis e das representações em relevo favoreceu a construção de referências espaciais pelos participantes com deficiência visual, possibilitando maior compreensão da organização física do museu e ampliando sua autonomia durante os deslocamentos no espaço expositivo.

Ao permitir que os visitantes construíssem um modelo mental da distribuição dos ambientes, os materiais cartográficos reduziram a dependência exclusiva da mediação verbal e favoreceram uma experiência de visitação mais autônoma e participativa.

Esses resultados corroboram as contribuições de Carmo (2010), que compreendem a Cartografia Tátil como uma linguagem cartográfica fundamentada nas especificidades da percepção tátil e na construção de referências espaciais. A experiência desenvolvida no museu confirma que esses recursos extrapolam a simples adaptação de mapas, constituindo importantes instrumentos de mediação espacial, capazes de favorecer a compreensão do ambiente, a orientação e a construção de autonomia por pessoas com deficiência visual.

Essa constatação também reforça os princípios do Desenho Universal e da acessibilidade comunicacional, segundo os quais recursos concebidos para atender às necessidades de grupos específicos tendem a beneficiar todos os usuários dos espaços (Mace, 1998; Sassaki, 2006).

Durante a aplicação dos materiais, observou-se que estudantes sem deficiência também demonstraram interesse em explorar os mapas táteis e as representações em relevo, evidenciando que estratégias multissensoriais enriquecem as experiências educativas e ampliam as possibilidades de interação com o patrimônio cultural, independentemente das condições sensoriais dos visitantes.

Entretanto, a visita realizada em 2026 revelou um contraste significativo entre a viabilidade das soluções propostas e sua efetiva incorporação às práticas institucionais. Embora a pesquisa de mestrado tenha demonstrado que recursos relativamente simples e de baixo custo podem ampliar significativamente a acessibilidade em espaços culturais,

constatou-se que, passados quase dez anos, as propostas desenvolvidas permaneciam sem implementação no Museu Histórico Municipal Luiz Saffi.

Esse cenário evidencia um desafio recorrente na relação entre produção científica e gestão pública. Apesar dos avanços observados na legislação brasileira, na Tecnologia Assistiva e nas pesquisas sobre acessibilidade, a incorporação do conhecimento produzido pelas universidades às práticas institucionais ainda ocorre de forma descontínua.

Em municípios de pequeno e médio porte, essa descontinuidade costuma estar associada à alternância das gestões públicas, às limitações orçamentárias e à ausência de planejamento institucional voltado à acessibilidade, fazendo com que iniciativas bem-sucedidas permaneçam restritas ao contexto acadêmico.

Nesse sentido, a experiência analisada revela que a ausência de acessibilidade não decorre prioritariamente da inexistência de soluções técnicas, mas da limitada capacidade institucional de transformar conhecimento científico em ações permanentes de gestão. Assim, a permanência das barreiras identificadas no museu evidencia que a democratização dos espaços culturais depende tanto da produção de recursos acessíveis quanto do compromisso político e administrativo com sua implementação e manutenção.

A Cartografia Tátil deve ser compreendida para além de sua dimensão técnica. Mais do que produzir mapas acessíveis, ela constitui uma linguagem geográfica capaz de mediar a relação entre sujeitos, patrimônio e espaço, favorecendo processos de mediação cultural, ampliando a autonomia dos visitantes e fortalecendo experiências de pertencimento.

Assim, articula acessibilidade comunicacional, mediação cultural e justiça espacial, constituindo-se não apenas como tecnologia assistiva, mas como uma linguagem geográfica capaz de democratizar o patrimônio cultural e ampliar o direito de diferentes sujeitos de conhecer, interpretar, experienciar e produzir os espaços da cultura. Sob essa perspectiva, a inclusão deixa de ser compreendida como simples adequação técnica e passa a representar condição fundamental para a efetivação do direito à cultura, à cidade e à participação social.

5. Resultados obtidos

A pesquisa realizada no Museu Histórico Municipal Luiz Saffi evidenciou que a Cartografia Tátil constitui uma estratégia viável para promover a acessibilidade de pessoas com deficiência visual em espaços museológicos, inclusive em municípios de pequeno porte e com recursos financeiros limitados. Os materiais desenvolvidos demonstraram que adaptações de baixo custo podem ampliar significativamente as condições de orientação espacial, autonomia e interação dos visitantes com o ambiente expositivo.

A elaboração e aplicação das plantas táteis possibilitaram aos participantes construir referências espaciais sobre a disposição dos ambientes internos do museu, favorecendo a compreensão dos percursos de circulação, da localização das salas expositivas e da organização geral da instituição. Como resultado, observou-se maior segurança durante os deslocamentos e uma participação mais autônoma nas atividades desenvolvidas.

Os recursos cartográficos também favoreceram a interação dos participantes com o patrimônio cultural, ampliando a compreensão da estrutura física do edifício e proporcionando uma experiência de visitação mais ativa. Além disso, embora desenvolvidos para atender às necessidades das pessoas com deficiência visual, os materiais despertaram interesse entre os demais participantes da pesquisa, evidenciando seu potencial para promover experiências de aprendizagem multissensoriais.

A visita técnica realizada em 2026 permitiu constatar que grande parte das barreiras identificadas na pesquisa original permanece presente no museu e que as propostas desenvolvidas durante a investigação não foram incorporadas de forma permanente à gestão da instituição. Essa constatação evidencia que, embora a pesquisa tenha demonstrado a viabilidade dos recursos cartográficos táteis, sua implementação ainda não se consolidou como prática institucional.

6. Conclusões

O presente artigo analisou as contribuições da Cartografia Tátil para a promoção da acessibilidade de pessoas com deficiência visual em espaços museológicos, tendo como objeto de estudo o Museu Histórico Municipal Luiz Saffi, em Barra Bonita (SP).

Os resultados evidenciaram que a elaboração de recursos cartográficos táteis constitui uma estratégia tecnicamente viável, de baixo custo e com elevado potencial educativo, capaz de ampliar a orientação espacial, favorecer a autonomia dos visitantes e qualificar os processos de mediação cultural em ambientes museológicos.

A releitura dos resultados da pesquisa, realizada à luz das discussões contemporâneas sobre acessibilidade, Educação Inclusiva, Museologia e Geografia, evidenciou que muitos dos desafios identificados durante a investigação permanecem atuais.

A visita técnica realizada em 2026 confirmou as barreiras observadas na pesquisa original, indicando que a existência de soluções técnicas, por si só, não garante sua incorporação às práticas institucionais. A efetivação da acessibilidade depende da continuidade das políticas públicas, do compromisso da gestão dos equipamentos culturais e da valorização do conhecimento produzido pelas universidades.

Nesse sentido, a principal contribuição consiste em demonstrar que a Cartografia Tátil deve ser compreendida para além de uma tecnologia assistiva ou de um recurso de adaptação cartográfica. Enquanto linguagem geográfica, ela constitui importante instrumento de acessibilidade comunicacional, mediação cultural e justiça espacial, ampliando as possibilidades de apropriação do patrimônio e fortalecendo o direito das pessoas com deficiência visual de participar, compreender e experienciar os espaços da cultura em condições de maior autonomia.

Espera-se que esta releitura contribua para fortalecer o diálogo entre pesquisa científica, gestão pública e instituições culturais, incentivando a incorporação de estratégias de acessibilidade como políticas permanentes de democratização do patrimônio. Mais do que propor adaptações técnicas, promover acessibilidade e inclusão significa reconhecer a diversidade humana como princípio estruturante da produção do espaço e reafirmar que o acesso à cultura, ao patrimônio e à memória constitui um direito fundamental para a construção de cidades mais democráticas, inclusivas e socialmente justas.

7. Principais referências

BRASIL. **Decreto n.º 12.686, de 18 de dezembro de 2025.** Atualiza a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 19 dez. 2025. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/. Acesso em: 10 ago. 2026.

BRASIL. **Lei n.º 13.146, de 6 de julho de 2015.** Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 7 jul. 2015. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/. Acesso em: 10 ago. 2026.

CARMO, Waldirene Ribeiro do**. Cartografia tátil escolar: experiências com a construção de materiais didáticos e com a formação continuada de professores.** 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8135/tde-08032010-124510/. Acesso em: 14 maio 2026.

CARMO, Waldirene Ribeiro do; SENA, Carla Cristina Reinaldo Gimenes de. Cartografia tátil: uma contribuição para a inclusão de estudantes com deficiência visual no ensino de

Geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, São Paulo, n. 99, p. 204-221, 2018. Disponível em: https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1470. Acesso em: 10 ago. 2026.

ICOM. **Museum definition**. Prague: International Council of Museums, 2022. Disponível em: https://icom.museum/en/resources/standards-guidelines/museum-definition/. Acesso em: 10 ago. 2026.

MACE, Ronald. **The principles of Universal Design**. Raleigh: Center for Universal Design, North Carolina State University, 1998. Disponível em: https://projects.ncsu.edu/ncsu/design/cud/about_ud/udprinciplestext.htm. Acesso em: 10 ago. 2026.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF)**. São Paulo: EDUSP, 2003.

PISSALOUX, Edwige; VELÁZQUEZ, Ramiro. **Multimodal maps for the blind and the visually impaired**. Cham: Springer, 2022.

SARRAF, Viviane Panelli. **Acessibilidade cultural para pessoas com deficiência: benefícios para todos**. São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2018. Disponível em: https://portal.sescsp.org.br/files/artigo/880ce1b3/05a2/471a/ac12/584647f155f1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2026.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão:** construindo uma sociedade para todos. 7. ed. Rio de Janeiro: WVA, 2006.

UNESCO. **Culture 2030 indicators**. Paris: UNESCO, 2023. Disponível em: https://www.unesco.org/en/culture2030indicators. Acesso em: 10 ago. 2026.